

Boletim No. 13 – 31 de Agosto de 2020**Homicídios no Brasil e em Campinas****O que nos mostra o Atlas da Violência no Brasil e alguns outros dados de outras fontes.****1. Introdução**

O Atlas da Violência é um conjunto de pesquisas realizadas pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSB) publicado já há 20 anos. Nele internautas podem acessar facilmente dados, mapas, vídeos, artigos sobre o tema.

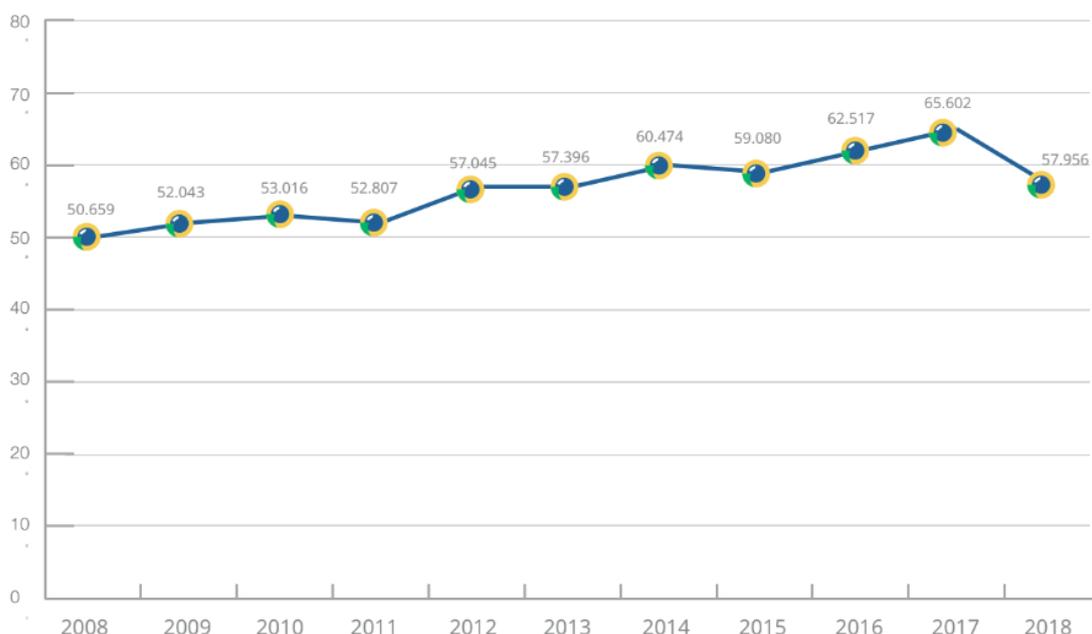
Essa é a versão de 2020, com dados de 2018, todos retirados de fontes oficiais como o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), IBGE, Disque 100, entre outros. Como os dados são de 2018 é importante notar que não abrange o governo Bolsonaro e a sua política contrária ao desarmamento

que, como se verá, foi um dos fatores que explicam a queda da morte violenta nos últimos anos.

Esse boletim, baseado centralmente nos dados do Atlas, foi enriquecido com alguns dados de Campinas e do mundo para facilitar as comparações e avaliar a violência no nosso município.

2. Homicídios no Brasil

Aconteceram no **Brasil 57.956 homicídios ao longo de 2018 o que corresponde a 27,8 mortes por 100 mil hab, o menor nível nos últimos 4 anos.** É importante frisar que é um dos maiores do mundo e ainda maior que os níveis do início da década.

**HOMICÍDIOS NOS ÚLTIMOS 11 ANOS****Gráfico 1.**

Segundo relatório da Organização Mundial de Saúde, de 2019, **os lugares mais seguros do mundo estão na Ásia** (2,3 homicídios por 100 mil hab), Europa (3,0) e Oceania (2,8). Na África o índice foi de 13 por 100 mil hab, enquanto nas Américas foi de 17,2, onde a Venezuela tem o pior índice seguido pelo Brasil (Fonte: UN News – Homicide kills far more people than armed conflict, new UN study shows). No Uruguai, cujo índice aumentou 66,4% em 2018 comparado com 2017, chegando a 11,2 por 100 mil hab, ainda assim é quase 5 vezes menor que o do Brasil.

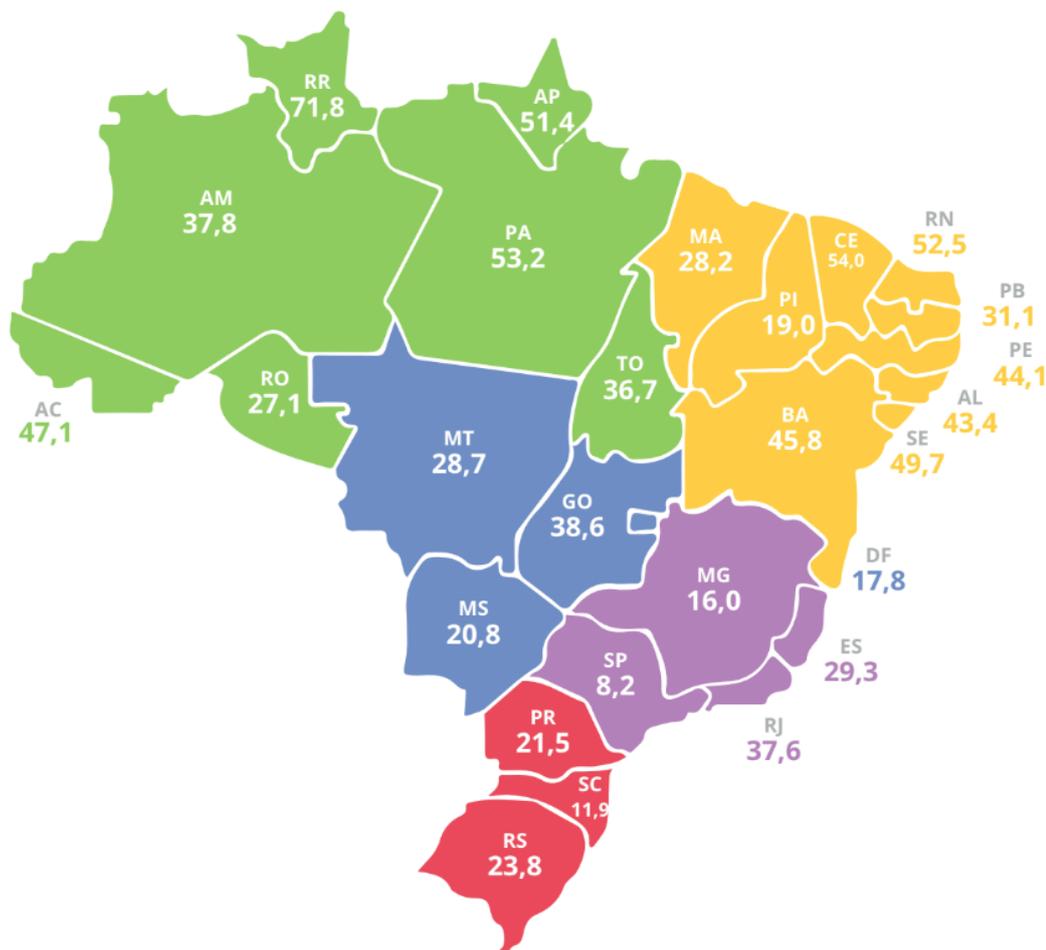
Como se vê no mapa abaixo, **São Paulo tem o melhor índice do Brasil com 8,2 homicídios por 100 mil hab**, enquanto Roraima tem o pior com 71,8 mil mortes violentas por 100 mil hab. Segundo o IPEA houve queda, quando comparado com 2017, em todos os estados da federação, com maior intensidade no Nordeste. Nessa região o pior indicador é o do Ceará e o melhor é do Piauí (54 e 19 por 100 mil hab, respectivamente).

Chama a atenção que foram 12.310 mortes no Brasil sem causa definida, em 2018, o maior índice desde 2010. O IPEA estimou que 73,9% dessas mortes

podem ser, na verdade, “homicídios que ficaram ocultos”. São Paulo registrou **4.265 mortes violentas com causa indeterminada** (uma taxa de **9,4 por 100 mil habitantes, maior que a de homicídios, de 8,2**).

Em outros termos, o número de homicídios em 2018 está subestimado tanto no Brasil quanto em São Paulo.

Mapa 1: Homídios por 100 mil hab por unidades da federação



Mapa 1.

Em Campinas, segundo dado da Coordenadoria Setorial de Informática, aconteceram 166 homicídios em 2018, o que corresponde a um índice de **12,14 por 100 mil hab, 50% superior a do Estado**. Se observarmos a série histórica, desde o ano 2000 (quando o índice era de 55,70 homicídios por 100 mil hab) até 2018 (gráfico abaixo), observa-se queda acentuada entre 2003 e 2007, mantendo-se estável desde então.



Gráfico 2.

Por áreas de abrangência dos Centros de Saúde o maior número de homicídios, em 2018, se deu no Florence (11 casos), seguido pelas áreas do CS Fernanda e Valença com 10 mortes cada um.

3. Perfil das Vítimas por Faixa Etária e Sexo

Mais da metade dos homicídios no Brasil (53,3%) atingem os jovens entre 15 a 29 anos, com uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens. Em Campinas foram 59 homicídios nessa faixa etária, significando 35,5% do total das mortes, em todas as faixas etárias, por agressão. Se consideramos a faixa etária de 15 a 39 anos, verificamos que concentram 65,6% de todos os homicídios (2018).

Os jovens no Brasil, na faixa etária entre 15 e 19 anos, têm como principais causas de óbitos os homicídios, acidentes de trânsito, suicídio, afogamento e infecções respiratórias, nessa ordem (OMS, em 2017). Os homicídios significaram, em 2018, nessa faixa etária, 48,4% de todos os óbitos. Esse índice vai diminuindo à medida do envelhecimento, de tal modo que acima de 60 anos significa menos de 1% do total de óbitos na faixa etária, predominando as mortes por doenças crônicas (cânceres e outras) (vide gráfico 3 abaixo).

Percentual de óbitos por homicídios por faixa etária, em 2018

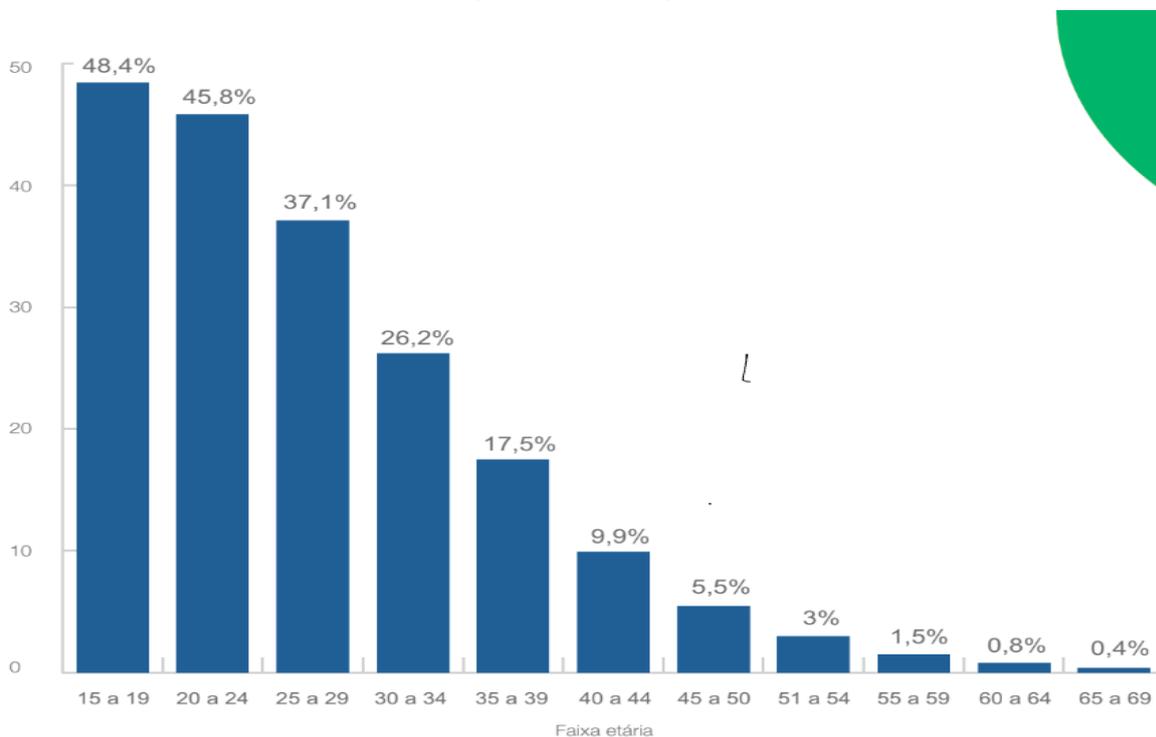


Gráfico 3.

Em relação ao sexo, a proporção de óbitos ocorridos por homicídios entre as mulheres é consideravelmente menor em todas as faixas etárias, ainda que muito alto (vide tabela abaixo).

Proporção dos homicídios como causa de todos os óbitos na faixa etária e sexo.

Faixa etária	Masculino	Feminino
15 e 19 anos	55,6%	16,2%
20 – 24 anos	52,3%	14%
25 -29 anos	43,7%	11,7%

Tabela 1

Também em Campinas predomina o homicídio entre os homens, com 85,3% de todas as mortes por essa causa em 2018, contra 14,7% entre as mulheres.

Predomina, em Campinas, como de resto no Brasil, mortes nas faixas etárias mais jovens, conforme a tabela 2 e o gráfico 4. Entretanto aqui, provavelmente

pelas características demográficas da cidade, com índice de envelhecimento maior que a do país, há um “envelhecimento” do homicídio, com 36,36% deles até 29 anos e 53,33% até 34 anos (no Brasil um pouco mais de 50% dos óbitos por assassinatos estão concentrados até 29 anos).

Homicídios em Campinas por faixa etária, em 2018.

Faixa Etária (5-5)	Total	Proporção
0-4	1	0,61%
15-19	11	6,67%
20-24	26	15,76%
25-29	22	13,33%
30-34	28	16,97%
35-39	20	12,12%
40-44	17	10,30%
45-49	15	9,09%
50-54	11	6,67%
55-59	3	1,82%
60-64	6	3,64%
65-69	2	1,21%
70-74	1	0,61%
75-79	2	1,21%

Tabela 2.

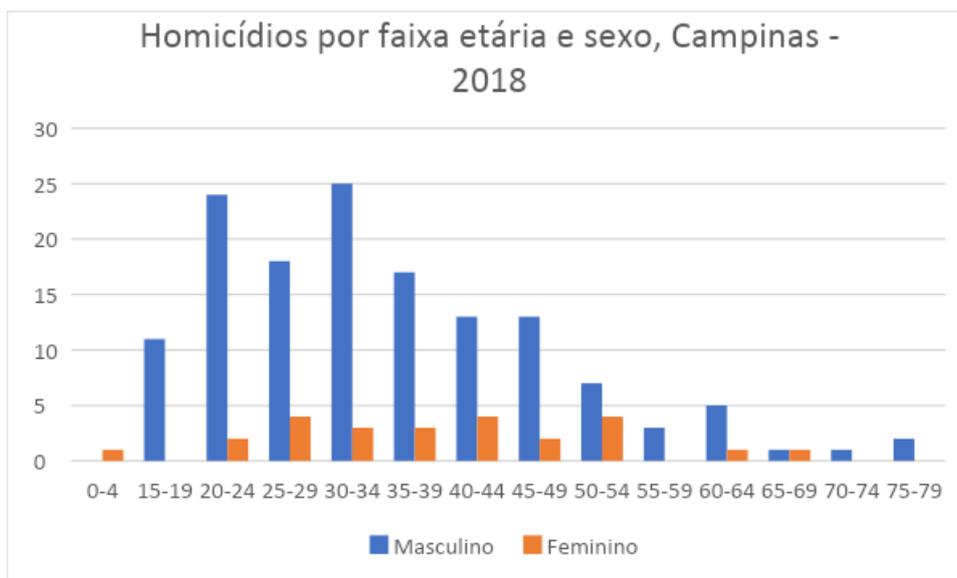


Gráfico 4.

4. Estatuto do Desarmamento e ECA

Em 1990 foi lançado o Estatuto da Criança e Adolescente. Os homicídios por arma de fogo cresciam a uma velocidade de 9,4% antes dessa data entre as crianças e adolescentes (0 a 19 anos). De 1991 até 2003 o índice caiu para 7,9% ao ano.

Em dezembro de 2003 foi lançado o Estatuto do Desarmamento. Após essa data a velocidade de crescimento diminuiu para 1,9% ao ano.

Os autores concluem que “Naturalmente, não há como afirmar que a queda substancial da marcha

acelerada de homicídios de crianças e adolescentes se deve aos dois estatutos. Entretanto, os números aqui analisados são bastantes sugestivos acerca do potencial **efeito dessas duas legislações, conjuntamente, para frear a barbaridade** em curso do massacre de milhares de crianças Brasil afora.”

Também **em Campinas** o número de homicídios despenca a partir de 2003 (vide gráfico 5, abaixo) e a **principal queda se dá pelas mortes provocadas por armas de fogo**, conforme se vê no gráfico abaixo:



Gráfico 5 (azul = armas de fogo, laranja = objeto cortante ou penetrante, cinza = outras causas)

5. Homicídios de Mulheres

Em 2018 foram 4.519 mulheres assassinadas no Brasil (4,3 mulheres a cada 100 mil habitantes do sexo feminino). Isso significa **uma mulher assassinada a cada 2 horas**. Seguindo a tendência, também entre as mulheres houve queda entre 2017 e 2018 de 9,3% no número de assassinatos.

A rua foi o **cenário de morte por homicídios** entre os homens (69,4% morreram na rua), ao passo que, para as mulheres, a rua representou 45,1% das mortes. Quando o cenário é a própria residência, verifica-se

que 38,9% das mulheres morrem aí, contra 14,4% dos óbitos masculinos. Portanto, **o percentual de mulheres assassinadas em casa é 2,7 maior que o dos homens**.

Em Campinas, segundo os dados da Secretaria de Saúde, **36% das mulheres foram assassinadas no domicílio**. Entre os homens essa taxa correspondeu a 12,8%. Já a rua foi cenário para 51,4% dos assassinatos entre homens, contra 28% entre as mulheres.



VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS EM RELAÇÃO AO LOCAL DA MORTE E SEXO, ENTRE 2008 A 2018



A cada **6h23**, uma mulher é morta dentro de casa

Mortes em residências



38,9% dos óbitos de mulheres
14,4% dos óbitos de homens

Mortes na rua / estrada



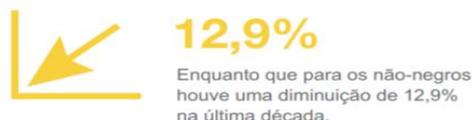
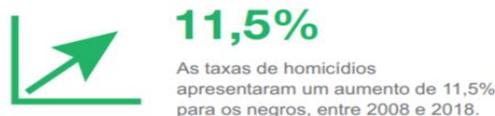
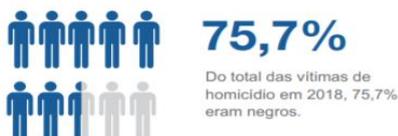
45,1% dos óbitos de mulheres
69,4% dos óbitos de homens

	2018			
	Número absoluto		Taxa por 100 mil habitantes	
	Na residência	Fora da residência	Na residência	Fora da residência
Mulheres vítimas de homicídio	1.373	3.146	1,3	3,0
Mulheres vítimas de homicídio por arma de fogo	552	1.778	0,5	1,7

6. Homicídios de Negros

Em 2018, os negros (soma de pretos e pardos, segundo a classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídio, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Entre os não negros (brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi 13,9. Ou seja, **para cada não negro são 2,7 negros mortos em 2018. As mulheres negras são 68% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade de 5,2 por 100 mil habitantes, quase o dobro quando comparadas às não negras (2,8).**

Houve uma redução de 12% da taxa de homicídios entre 2017 e 2018. Entretanto quando se fraciona essa taxa entre negros e não negros, a queda entre negros foi 7% menor que entre os não negros (queda de 12,2% e 13,2%, respectivamente). Ao analisarmos os dados da última década (entre 2008 e 2018), as taxas de homicídio apresentaram um **aumento de 11,5% para os negros** enquanto para os **não negros houve uma diminuição de 12,9%**.



Os dados mostram que a chance de uma pessoa negra ser morta violentamente em comparação a uma pessoa não-negra em 2018 é de 2,7.

7. Violência contra a população LGBTQI+

Há uma escassez de dados de violência contra a população LGBTQI+.

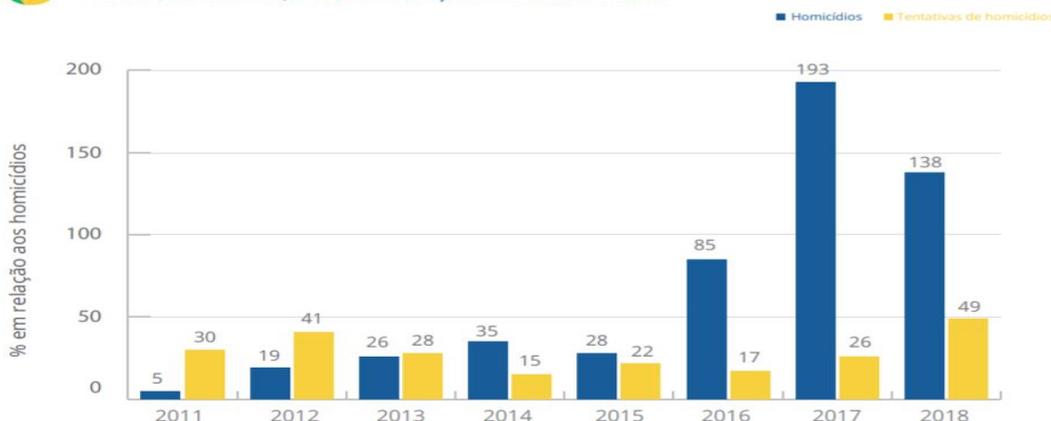
O que pode se perceber no gráfico abaixo é um **grande aumento (127%) nas denúncias** de homicídio entre 2011 e 2017, com redução de 28% delas em 2018. Em oposição, os **registros de tentativa de**

homicídios aumentaram em 88% na passagem de 2017 para 2018, número recorde desde 2011.

Outras informações importantes: as vítimas são **majoritariamente negras** e **as mulheres são significativamente mais vitimadas que os homens**, enquanto as agressões foram realizadas majoritariamente por homens.



NÚMERO DE DENÚNCIAS DE HOMICÍDIOS E DE TENTATIVA DE HOMICÍDIOS CONTRA PESSOAS LGBTQI+ NO BRASIL, ENTRE 2008 E 2018



Fonte: Fonte: Disque 100/MMFDH.

8. Algumas conclusões

O Brasil, apesar da melhora dos números, continua a ser **um dos países mais violentos do mundo** conforme os dados da Organização Mundial de Saúde e muito resta a ser feito para melhorar a política de segurança entre a gente.

Esses números são ainda piores, caso houvesse mais rigor no preenchimento dos atestados de óbitos e registros policiais das causas das mortes violentas. É de se notar que em 2018 foram registradas 2.511 mortes violentas com causa indeterminada a mais em relação a 2017, “mortes cujas vítimas foram sepultadas na cova rasa das estatísticas, sem que o estado fosse competente para dizer a causa do óbito, ou simplesmente responder: morreu por quê?”, nas palavras dos pesquisadores. **A perda de qualidade no caso de São Paulo, principalmente, “chega a ser escandalosa”, de acordo com o Atlas, que em 2018 registrou 4.265 mortes violentas com causa indeterminada, índice maior que as determinada como homicídio.** Segundo o pesquisador Daniel Cerqueira, “do ponto de vista do estado democrático de direito, isso é um escândalo porque as famílias têm o direito mínimo de saber por que seus entes morreram, a sociedade tem o direito de saber por que aqueles casos aconteceram para a gente propor políticas para reverter o problema. E não encontramos motivos para o estado de SP estar nessa situação”.

Os dados confirmam o que salta aos olhos: o **racismo estrutural no Brasil** faz com que, enquanto cai o número de homicídios entre os brancos e não negros (queda de 12,9%), aumenta 11,5% entre os negros. É escandaloso que 75,7% das vítimas de homicídios no Brasil sejam de negros. Sem esquecer que, no Brasil, para cada não negro assassinado, 2,7 negros são vítimas de homicídio.

Quando se compara as mortes entre as mulheres, a taxa de homicídio das negras é 5,2 para 100 mil, quase

o dobro da mortalidade entre as não negras (2,8). Também entre as mulheres, enquanto a taxa de homicídio entre as não negras caiu 11,7%, entre as negras aumentou 12,4%.

É o racismo nu e cru escancarado pelos números da violência no Brasil.

No caso das mulheres é de se notar que são assassinadas predominantemente em casa, o que chama a atenção para os óbitos provocados pelos companheiros e para o **feminicídio**.

Embora não se possa afirmar categoricamente, há fortes evidências nos números, que o **ECA e o Estatuto do Desarmamento foram importantes para a redução das mortes violentas no Brasil**. Como a pesquisa do IPEA se dá com os números de 2018, antes da posse de um governo que estimula a posse de armas pela população, é possível que as mortes por armas de fogo voltem a crescer no país, estimulado por uma política onde as mortes de pobres e pretos têm pouco ou nenhum significado.

De outro lado, é fato que, mesmo em 2019, segundo dados oficiais, o homicídio caiu em relação a 2018. Embora o governo federal e os estaduais atribuam à suas políticas de segurança, sintetizada na frase “bandido bom é bandido morto”, é cedo para comemorar os resultados. Segundo vários pesquisadores as quedas registradas a partir de 2018 tem explicação mais na acomodação nas disputas das organizações criminosas (PCC e CV) que nas políticas de segurança federal ou estaduais. Segundo a revista Carta Capital “economicamente, o homicídio dá muito mais prejuízo do que lucro, pois também obriga os grupos criminosos a gastarem com advogados mais caros, em processos mais demorados do que vinculados ao tráfico de drogas, por exemplo”. De qualquer modo ainda é cedo para conclusões, sendo necessário uma série histórica e mais longos e novos estudos.

Secretaria Executiva do
Conselho Municipal de Saúde de Campinas
31/08/2020